

EntreLinhas

2014 / Nº 01 / LABORATÓRIO DE JORNALISMO IMPRESSO - CURSO DE JORNALISMO - UFCA

VERTICALIZAÇÃO DA CIDADE CAUSA IMPACTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS p. 3



Entrevista: Leonel Tavares

"Vivemos angustiados e melancólicos em meio à fragmentação social" p. 6

Perfil

Olímpio de Sousa:
blindado pela fé em Padre
Cícero e Frei Damião p. 14

Resenha

Nação Zumbi muda de
estilo no novo CD e
investe na cultura pop p. 8

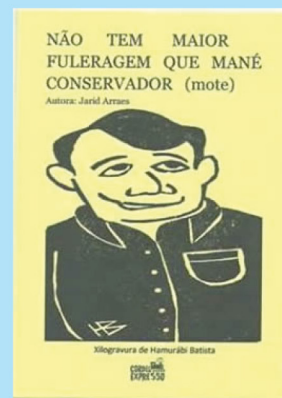
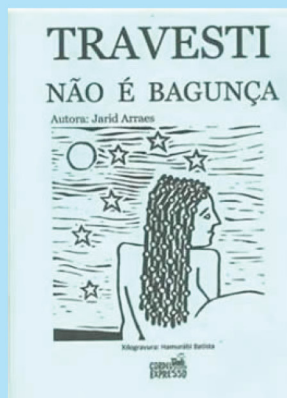
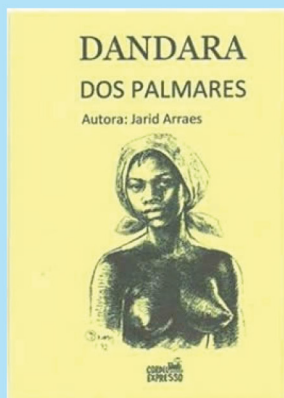
Crônica

Nuvens brancas,
asfalto negro p. 18



Calçadas: obstáculos expulsam pedestres

Os diversos obstáculos nas calçadas da cidade de Juazeiro do Norte acarretam problemas para quem se desloca a pé. p. 12



Mulheres do cordel: o feminismo em versos

Com o passar dos anos a literatura de cordel, assim como qualquer outro aspecto dos fluxos culturais, vem se adaptando aos novos meios e temáticas. Não poderia ser diferente com o feminismo, que já se insere nos folhetos como grito de emancipação e combate ao patriarcado e misoginia que ainda é reproduzida nas relações sociais. p. 16

A ARTE DO JORNAL IMPRESSO



A equipe do Laboratório de Jornalismo Impresso

Editar um jornal não é uma tarefa simples. Requer criatividade, sensibilidade social, visão crítica, trabalho em equipe e, principalmente, uma sólida formação humanística. Da apuração à narração da notícia, as etapas são muitas e complexas. Qualquer desvio traz sérios prejuízos para o jornalista, o jornal e a sociedade.

No jornal experimental do Laboratório de Jornalismo Impresso do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri, vivenciamos esse processo – o planejamento do jornal, desde o título até a identidade gráfica, os principais dilemas editoriais, as técnicas de redação, edição e o acabamento da notícia.

Ao estudar a pauta, a apuração e a narração da notícia nos deparamos com difíceis discussões. Debates frutíferos que desaguarão nessa primeira edição do “Entrelinhas”.

O jornal, atento à cena urbana de Juazeirense, traz uma reportagem sobre o crescimento imobiliário da cidade. Cada vez mais construções verticalizadas mudam hábitos e interferem na paisagem de Juazeiro do Norte de

forma desigual e desordenada. Outra reportagem revela o olhar diferenciado, original e radical do skatista sobre a cidade.

O pedestre não tem vez no centro da Juazeiro. São vários obstáculos: rampas, portões, pneus, mesas, cadeiras, placas, lixeiras, veículos, postes e orelhões ocupam as calçadas, colocando a vida dos pedestres em risco, principalmente de idosos e crianças. O jornal traz ainda o perfil de José Olímpio de Souza, morador do Abrigo Nossa Senhora das Dores. Cego, “seu” Olímpio é exemplo de bom humor e tranquilidade. Com a sua viola, ele relata histórias que viveu ao lado de Frei Damião.

O cordel e a música também foram contemplados na primeira edição do “Entrelinhas”. O cordel investe numa temática até então inusitada: o feminismo. Mulheres cordelistas tecem versos afinados como ponta de faca para combater o machismo ainda presente no Cariri cearense.

A arte da entrevista não poderia deixar de ficar de fora do primeiro número do jornal Laboratório.

Segundo Cremilda de Araújo Mendina, é o “diálogo possível” e,

segundo Edgar Morin, “uma arte que não conhece nenhuma regra, mas conhece seus artistas”. Entrevistamos Leonel Tavares, músico, escritor e professor. Desiludido com a sala de aula, ele investe na arte, uma maneira de reinventar a vida no contexto de um processo social amarrado no consumismo desenfreado, na falta de ideias inovadoras e na mesmice.

Não esquecemos também a crônica, um gênero tão ao gosto do brasileiro. Uma forma de atrair a literatura para o jornalismo, praticada por jornalistas e escritores. A crônica sempre esteve presente nos jornais e revistas brasileiros, sem dúvida uma marca inegável do nosso jornalismo cultural. “Nuvens Brancas, Asfalto Negro” mostra, com poesia, o cotidiano de um bairro de Juazeiro do Norte. Boa leitura!

José Anderson Sandes
Professor Orientador

Expediente

Ano 1 | Edição 1

Juazeiro do Norte, setembro 2014
Jornal experimental da disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso do curso de Jornalismo. Universidade Federal do Cariri - UFCA

Professores Orientadores

José Anderson Freire Sandes
Juliana Lotif

Projeto gráfico e diagramação:

Hanna França Menezes
Isaac Brito Roque

Revisão:

Priscila Luz

Ilustração:

Marciano Palácio

Reportagem e fotografia:

Adelina Lima, Antônio Lima Júnior, Claudemberg Neves, Damião Teles, Francisco Mário, Pablo Costa, Priscilla Araújo e Rejane Lima

JUAZEIRO

CRESCIMENTO IMOBILIÁRIO ACONTECE DE FORMA DESIGUAL E DESORDENADA

O gradual número de empreendimentos imobiliários de grande porte tem causado impacto econômico, social e estrutural em Juazeiro



Foto: Francisco Mário

FRANCISCO MÁRIO

Juazeiro do Norte, localizado na região do Cariri Cearense, com uma população estimada em 250 mil habitantes, é uma das cidades mais populosas do Ceará, e tem sido palco de intensas transformações econômicas, sociais e estruturais. Fator este evidenciado no crescimento econômico na indústria, no comércio no desenvolvimento e aquecimento do setor imobiliário.

A cidade possui localização privilegiada, próxima a várias capitais, e atrai investimentos de diversas regiões do país, entre eles, os empreendimentos na construção civil. São inúmeras as edificações que vão desde obras de pequeno porte até os grandes edifícios habitacionais, comerciais e hoteleiros, que dão uma nova roupagem no cenário estrutural, social e financeiro da cidade.

O crescimento econômico de Juazeiro do Norte é evidenciado nos indicadores da macroeconomia e nas relações estabelecidas com a verticalização de alguns bairros da cidade. O Produto Interno Bruto (PIB) de Juazeiro é aproximadamente 2 bilhões de reais, reflexo do intenso fluxo de bens e serviços que a cidade possui. Por outro lado, a crescente demanda no setor imobiliário, também é visualizada na oferta de cursos técnicos, de graduação de e especialização na área de construção civil.

RELAÇÕES SOCIAIS

Todo esse quadro de verticalização da cidade implica em mu-

A verticalização da cidade implica no isolamento das pessoas



Empreendimentos de grande porte são implantados em locais estratégicos da cidade

danças nas relações sociais, como explica o mestre em políticas públicas Alexandre Nunes, professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri - UFCA. "O processo de verticalização das cidades é reflexo de uma construção urbanística própria do século XX, que está ligado a uma concepção de modernidade vinculada ao crescimento e inchaço das cidades, que no século XXI começa a ser questionada nos países centrais. Mas, na América Latina e, particularmente no Brasil, o processo de verticalização continua em intensa atividade."

O que acarreta, segundo Alexandre, mudanças no cotidiano das pessoas com maior influência do consumo e o isolamento social.

O pesquisador assinala a questão dos cidadãos deixarem de ocupar o espaço público. "Os espaços coletivos são esvaziados e os que existem passam a ser burocratizados como é o caso das reuniões de condomínio."

FATORES ECONÔMICOS

Muitos dos empreendimentos

são implantados em locais estratégicos como nas proximidades do shopping, bares e restaurantes, o que influencia diretamente nas relações sociais, comerciais e econômicas que se estabelecem com a proximidade desses empreendimentos.

Tendo em vista essa perspectiva, o setor imobiliário exerce importante influência no campo comercial e empregatício, já que muitos dos edifícios são pensados como empreendimentos comerciais, além de movimentar a economia local e de outras regiões, mantendo relações comerciais de compra e venda de bens e serviços.

A economista Ana Maria dos Santos reforça que o crescente número de empreendimentos imobiliários de grande porte na cidade reflete diretamente na economia, principalmente no aquecimento do setor. O que possibilita geração de emprego e renda, além da valorização dos profissionais que trabalham na área de construção civil. Esse quadro fomenta direta e indiretamente vários setores como: transporte, confecção de móveis,

eletrônicos, aparelhagem de segurança, setor alimentício, etc.

Apesar do intenso crescimento econômico, o desenvolvimento não acompanha essa realidade. Segundo o IBGE a taxa de urbanização ultrapassa 95% em Juazeiro. No entanto, o desenvolvimento acontece de forma desordenada; Juazeiro ainda passa por sérios problemas relacionados à infraestrutura, dificuldade na mobilidade, insegurança e poucos pontos de atendimento hospitalares do Sistema Único de Saúde (SUS), em relação às demandas da população.

A economista Ana Maria visualiza que o crescimento da cidade acontece de forma desigual, pela rapidez com que vem ocorrendo às mudanças estruturais e principalmente por limitações no que se refere ao gerenciamento e ao planejamento. O que torna fundamental o desenvolvimento de estratégias que possibilite melhor adaptação das condições estruturais da cidade, ao crescimento pelo qual vem passando. **1**

ENTREVISTA | Leonel Tavares

DA CARTEIRADA DO DIPLOMA AO APOCALIPSE DE LUXO

Leonel Tavares trabalha em várias frentes. Professor de literatura, ele é também músico e escritor. Temas que aborda nesta entrevista através de uma visão singular e crítica

PRISCILLA ARAÚJO

O jaleco estava meio sujo de pincel azul. Com certeza, ocasionado pelo uso das mãos para apagar alguma coisa escrita na lousa e logo em seguida passada levemente naquele tecido alvo. A barba branca por fazer lembra aqueles pensadores antigos. A sala escolhida era pequena, mas ia ser palco e ouvidos da prosa. Cadeira puxada. Sentou-se. O barulho do intervalo da escola era a trilha sonora para aquela conversa tão peculiar e cheia de filosofias.

Marcos Vinícius Leonel Tavares, 52 anos, é professor formado em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Atua em algumas escolas da região e divide seu tempo entre as várias habilidades que possui: educador, músico, filósofo. Como diria um dos poetas de seu agrado “uma metamorfose ambulante”. Um cara meio visionário.

EntreLinhas: Você é uma pessoa híbrida, mas dentre essas suas habilidades, qual foi a que aflorou mais cedo e despertou seu interesse?

Leonel Tavares: A de escritor. Eu escrevo desde a minha adolescência e fui adquirindo habilidades para escrever. Fui me aprofundando no método da escrita e com o passar do tempo as outras vieram acompanhando a de escritor.

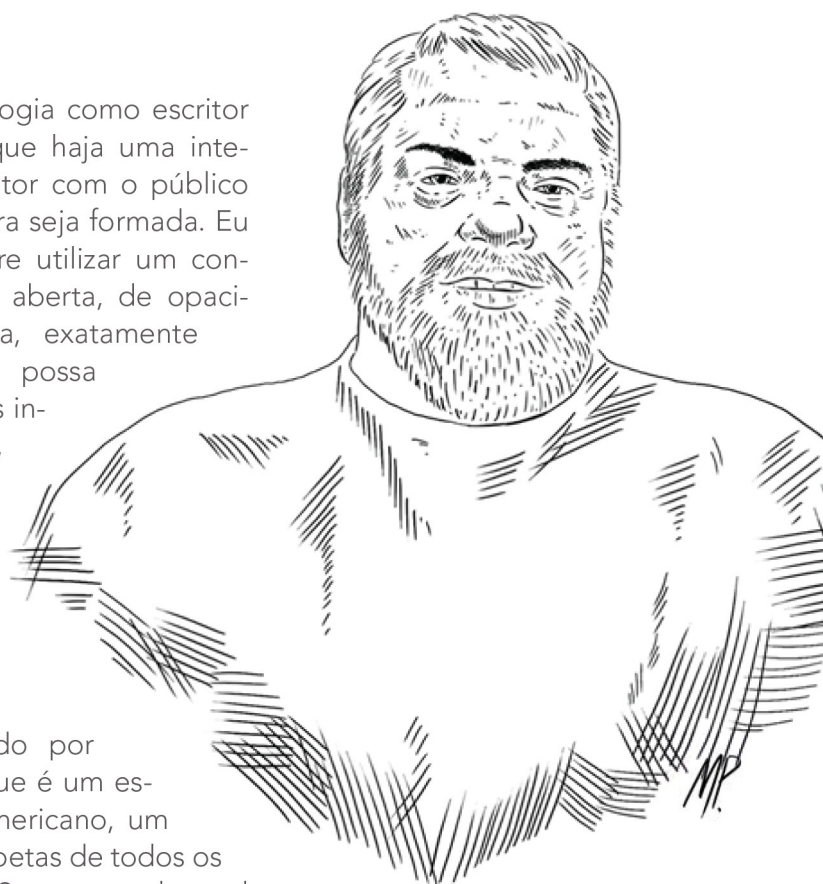
Quem foi sua maior influência no campo da literatura?

A minha ideologia como escritor é fazer com que haja uma interação do escritor com o público para que a obra seja formada. Eu procuro sempre utilizar um conceito de obra aberta, de opacidade da obra, exatamente para que ela possa gerar inúmeras interpretações, dependendo do conhecimento do leitor e do grau de interesse dele em interagir.

Fui influenciado por Ezra Pound, que é um escritor norte americano, um dos maiores poetas de todos os tempos; José Saramago, do qual eu tenho uma influência bem nítida e Manuel de Barros, um escritor que eu gosto muito.

De que forma esses escritores o influenciaram?

As ideias, ideologias e filosofias compartilhadas. O Ezra Pound é questionado pelos seus posicionamentos políticos, mas o que eu pego dele não é exatamente a filosofia política, e sim o fazer literário. Já de José Saramago, comungo com o que ele escreve. Tem um pensamento de esquerda, também tenho. E assim: a ideologia dele é que cabe ao povo fazer a revolução, não aquela preconizada de que tem que se pegar em ar-



mas, mas uma revolução interior. A pessoa se reinventando, a sociedade também é reinventada.

Você pretende continuar seguindo seu lado educador ou já tem outros planos para seu futuro? Deixar de ser professor e seguir só a carreira de escritor?

Sou professor por ideologia, por vocação. Ganho dinheiro com isso e sou bem pago. Mas a profissão de professor hoje está muito complicada porque a educação virou um produto. No processo educacional, o professor tem que intervir na intimidade do aluno para que exista correções de conduta e

de caráter. E hoje esta postura de educador está sendo deixada de lado em nome de um “educador” muito mais programático e pragmático que desperta habilidades vazias de exercícios repetidos do que necessariamente a aquisição de conhecimento. E isso está fazendo com que eu repense essa postura de professor. Estou me cansando dessa sistematização da educação e percebo que não tem muita volta. A gente está lutando contra um sistema que trouxe a ideia de produto, de consumo imediato, e não vejo muita possibilidade de ter muito mais tempo para se dedicar a isso.

Você falou no sistema que nos trouxe a ideia de produto. É difícil fazer com que os alunos percebam que estão inseridos em uma lógica de mercado?

É difícil porque o exemplo é dado a partir da própria universidade. Nela existe aquela “carteirada” do diploma, em que se criou uma autoridade a partir do momento que ele é recebido. E essa “carteirada” moral e ética inibe qualquer possibilidade de você remover essa ideia de pódio, de vencer. Mesmo que você consiga durante o ensino médio, quando ingressa na universidade, o modelo que o aluno tem para seguir é esse. E os professores universitários, a cada ano que passa, têm um nível pior. São bem menos eficientes e conhecem muito pouco. Exatamente porque, à medida que ele ingressa num degrau maior, mais ele afunila o seu conhecimento e menor a capacidade de ele ter a interpretação do todo. E isso é o chamado sistema cartesiano, reducionista. Mas esse sistema é o que impera.

“São curtos momentos de completude para longos espaços de vazio, de angústia e de pessimismo. Causa de muitas patologias sociais”

A universidade que é para formar cientista não forma. Os cursos que são profissionalizantes não formam profissionais. E a possibilidade do aluno aumentar o seu conhecimento, que seria no ensino médio, se tornou apenas uma prerrogativa para ter a habilidade para passar no vestibular.

Então, pelo o que se percebe, em suas aulas você gosta mais de incentivar o pensar?

Exatamente. Gosto de provocar o pensamento, de estimular a busca, a pesquisa para que o aluno tenha uma dimensão do universo, não como cosmologia, mas como cosmogonia. Ele procurar saber sobre a sua existência, como pode interferir na realidade.

Sempre a partir da aquisição de conhecimento. Procuro extrapolar os limites da disciplina. Nas minhas aulas abordo sociologia, filosofia, geografia, história, inclusive, física e matemática. Conforme seja a linha de pensamento daquele tema que está sendo abordado.

E falando em pensar, quais são os pensadores que mais lhe agradam?

Gosto muito da escola de Frankfurt, de Foucault, de Adorno, Weber, de Nietzsche, e esses filósofos atuais: Levinas, Derrida, Lacan. Gosto dessa filosofia móvel. Aquela mais estagnada, mais estável, eu não concordo. Prefiro mais esses filósofos inquietos, contestadores e que têm a capacidade de se reprogramar durante o processo de elaboração teórica. Hoje estou lendo muito esses filósofos da atualidade, como Bauman, que defende uma teoria da

modernidade líquida. Também gosto do Lipovetsky, que tem a mesma tendência.

Existem alguns estudos que mostram que a sociedade está ficando, como diria Raul Seixas “escravos e vítimas do próprio mecanismo que criaram”. Você acha que o desenvolvimento da tecnologia pode ser tão prejudicial às pessoas?

A nossa sociedade, após a intensa industrialização e principalmente o desenvolvimento tecnológico, em que estamos muito mais próximos da ficção científica do que nós imaginávamos, criou uma realidade descontínua e fragmentada. Provocando assim um caos de atitudes e de posturas. Nós temos constantemente uma quebra do processo ético. Aquilo que imaginávamos sobre o próximo, a reciprocidade, a alteridade, que o Levinas fala, está sumindo, exatamente porque tudo é descontínuo e fragmentado.

Sobre o seu lado de músico: você gosta mais de que época com relação à produção de músicas?

Sou muito eclético nesse tipo de assimilação. Gosto muito dos vanguardistas, dos autores que são inventores, que trazem novas possibilidades. Em contrapartida, gosto de autores que são considerados mais “normais” e que têm uma genialidade musical. Gosto tanto da música em si, instrumental, como também gosto da palavra aliada à música. Então são muitos compositores - mais poetas que músicos. Gosto muito de Raul Seixas e Bob Dylan. Também daquela parte mesmo da música em si. Gosto de diversas épocas, mas me prendo mais e vejo que possuo uma raiz mais simpática aos anos 1960 e 1970, que acho que são os anos mais revolucionários da música.

Os anos 1960 e 1970 foram marcados pelo apogeu dos movimentos de contracultura. Você acha que falta mais um pouco dos anos 60 nos dias atuais?

Completamente. Nós temos um padrão musical no Brasil em que muitos estilos e muitas atitudes artísticas convivem entre si. Óbvio que com o poderio total da cultura de massa, o funk, o forró, essa música degradante, num é? Nem todo funk é ruim, nem todo forró é ruim, óbvio que temos que fazer essas ressalvas, mas o grosso é uma arte massificada em que você não pensa, não faz referências, comparações e não dimensiona nada.

Você tem uma banda, né?

Tenho. Participei de uma chamada "Na Cacunda", depois de uma outra chamada "Al Capone Tá é Bêbado", agora, eu estou com uma outra banda chamada "Bicho Louco".

Todas as músicas são autorais?

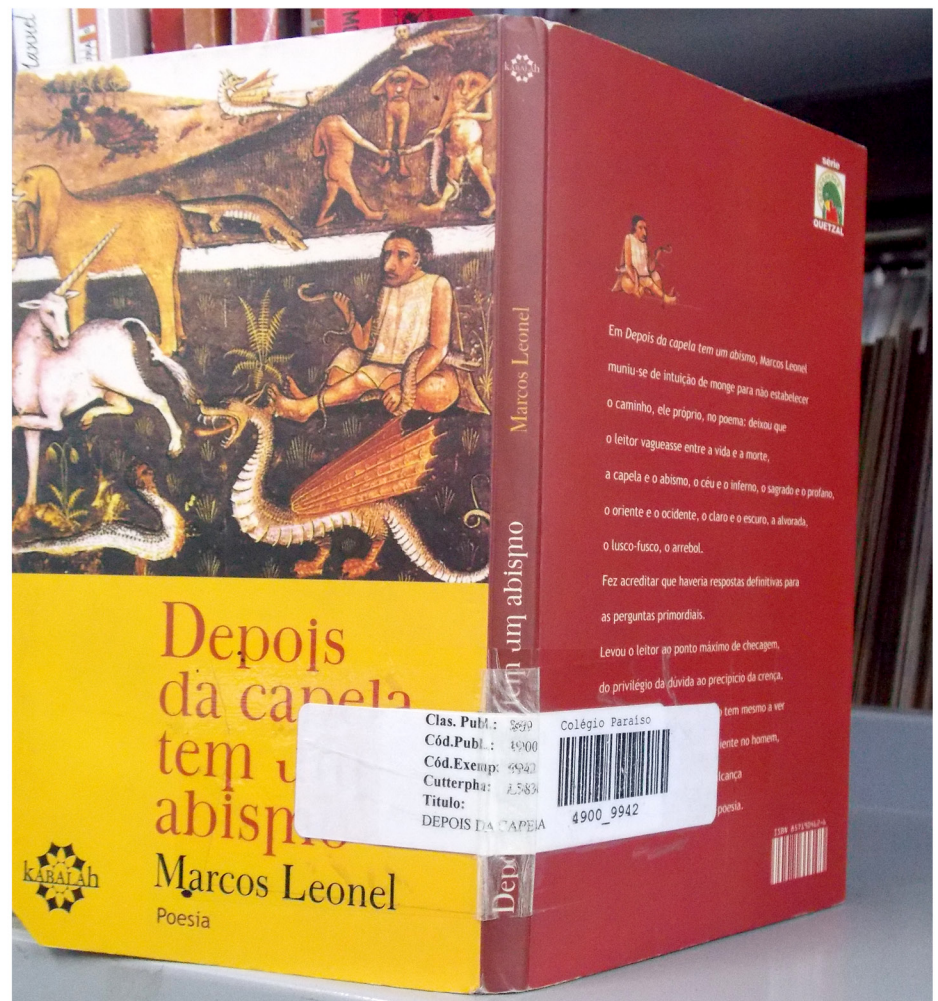
Sim. A gente sempre faz algumas experimentações e temos um público fiel aqui no Cariri que consome. E a gente tem muita projeção também fora. Aqui no Cariri nós temos muitos espaços - festivais alternativos e que nós temos a oportunidade de mostrar nossa música. Mas está longe de ser uma música largamente consumida.

Como músico e autor, você acha que o espaço para música autoral é favorável?

Não. Hoje nós temos uma diluição musical muito grande. Você pega um trabalho já feito do artista e faz um cover, mal feito ou bem feito, não importa, e você vem e ocupa todos os espaços que poderiam ser ocupados por aqueles autores que tem um trabalho próprio, que tentam apresentar uma particularização ou uma nova tendência. Se o produtor, dono da casa ou do espaço tiver uma

possibilidade de inserir uma música autoral na sua programação, ele sempre insere junto com outra manifestação de cover, de música reproduzida, seja ela mecânica ou

não. Mesmo através de uma reprodução mecânica ou ao vivo. O fato é que a gente luta muito para conseguir esses espaços.]



Leonel tavares: "a sociedade está mais próxima da ficção científica do que da realidade"



MÚSICA

A REINVENÇÃO DA NAÇÃO ZUMBI

De volta aos estúdios, a banda lança disco com elementos da cultura pop



Nova formação da banda Nação Zumbi: maturidade e romantismo

Foto: Vitor Salerno/Divulgação

ANTÔNIO LIMA JÚNIOR

Após sete anos sem gravar, o grupo Nação Zumbi lança o oitavo álbum em estúdio. Ainda com uma sonoridade influenciada pelo último CD, *Fome de Tudo* (2007), a banda mostra que veio para ficar, mesmo após a morte de Chico Science, vocalista e figura marcante na propagação do movimento mangubeat, falecido em 1997 em decorrência de um acidente de carro.

Depois de vinte anos do primeiro disco, *Da lama ao caos* (1994), Nação Zumbi se renova com uma sonoridade pesada e marcante, com letras que retratam o romantismo. Agora nos vocais, Jorge du Peixe, que antes tocava alfaia até 1997, traz uma voz tão forte quanto a de Chico Science.

Primeira faixa do disco, *Cicatriz* traz uma letra muito madura, com influências da música brega. O romantismo perpassa várias canções do álbum, a exemplo de *"Defeito perfeito"*, com um ritmo excitante, e *"Foi de amor"*, apresentando uma batida semelhante aos primeiros sucessos da banda.

Lúcio Maia, guitarrista, destaca-se no álbum, com a canção *"Bala Perdida"*, trazendo uma tonalidade mais pesada, contrapondo as letras polidas do repertório, mostrando uma vertente da ban-

da diferente das letras contestadoras da fase com Chico Science.

Entretanto, a sonoridade está mais desenvolvida, como em *"A melhor hora da praia"*, que transpõe a Nação Zumbi para o cenário da MPB. O disco, como um todo, transita tanto entre a MPB quanto o mangubeat, movimento em que foi vanguarda.

AS CICATRIZES DE UMA BANDA

Produzido por Berna Ceppas e Kassin, o disco tem onze faixas, assinadas pelo vocalista Jorge du Peixe, onde boa parte já estava no repertório de shows, mas que foram para o estúdio graças ao apoio do projeto *Natura Musical*, que garantiu as demais canções.

O álbum traz participações especiais das cantoras Marisa Monte, Laya Lopes (da banda cearense *O Jardim das Horas*) e Lula Lira (filha de Chico Science) nos backing vocals. A banda é formada atualmente por Jorge du Peixe (vocais), Lúcio Maia (guitarra), Alexandre Dengue (baixo), Pupillo (bateria), Gilmar Bola 8 (alfaia), Toca Ogan (percussão), Gustavo da Lua (alfaia) e Ramon Lira (alfaia).

Ainda marcada pela morte de Chico Science, a banda mostra a cada disco que o movimento mangubeat persiste mesmo sem um

de seus maiores nomes. "Quando fica a cicatriz, fica difícil de esquecer", entoa a primeira canção do disco, na voz de Jorge du Peixe. Depois de sete anos longe dos estúdios, participando de projetos paralelos como o *Los Sebosos Positivos* (que toca músicas do Jorge Bem com uma nova roupagem), os membros da Nação Zumbi voltam com mais energia, mostrando um novo repertório.

Comparando com os dois primeiros discos, que tinham a participação de Chico Science, Nação Zumbi mostra-se cada vez mais madura, com composições que refletem o imaginário social urbano.]

Serviço



CD Nação Zumbi, 11 faixas, Som Livre, R\$ 24,90 (Saraiva)

CIDADE

JUAZEIRO DO NORTE SOB O OLHAR RADICAL DO SKATISTA

Basta uma olhada e todo o espaço urbano se reinventa no pensamento de um skatista: escadarias, corrimãos, calçadas e rampas de acesso viram obstáculos para serem transpostos de forma arriscada pelos praticantes de skate

DAMIÃO TELES

O skate surgiu na Califórnia (EUA) por volta da década de 1960. Os surfistas cansados de esperar por ondas em épocas de maré baixa, inventaram um jeito de surfar no asfalto. Assim o skate saiu do mar para a cidade, das águas para as ruas. De lá pra cá, ganhou visibilidade, e segundo a Confederação Brasileira de Skate (CBSK), se tornou um dos esportes mais praticados do mundo. Em Juazeiro do Norte, a partir dos dados da Associação Juazeirense de Skate (AJUSK), o número de skatistas já ultrapassa uma centena. Divididos em pequenos grupos se reúnem em vários cantos da cidade para praticar o esporte.

Juazeiro do Norte, terra de fé e peregrinações, é também uma cidade em desenvolvimento econômico, urbano e populacional. O crescimento que vem ocorrendo nos últimos anos é notório. E o agrupamento de diversas tribos urbanas surge em locais característicos em meio ao desenvolvimento urbanístico.

LOCAL ADEQUADO

O skate é um esporte radical praticado em espaços apropriados ou não, mas que necessita de um certo aspecto urbano para ser praticado. Tem sua origem na rua, ou seja, no espaço urbanizado. Essa aproximação do skate com a cidade é visualizada desde os primórdios do esporte, nesse aspecto são inerentes.

A modernidade traz consigo uma fragmentação social, e as tribos urbanas são efeito dessa fragmentação. O desejo de agrupamentos e sociabilidades são um dos aspectos desses grupos. A tribo dos skatistas se apropriam dos espaços para praticarem o esporte.

São pessoas com um estilo próprio que escolhem determinados locais para se reunirem e andar de skate. São cidadãos que fazem parte da vida urbana e da sua organicidade.

A cidade se transforma em um território apropriado para o esporte. Segundo Paulo Alves, skatista, professor de educação física e personal skater, "quando vemos um local que pode ser aproveitado, possível de praticar o skate, passamos a frequentá-lo. Teoricamente todos temos direitos de utilizar o que é público."

Juazeiro do Norte se desenvolve urbanisticamente sem planejamento, o que gera transtorno de circulação por parte dos cidadãos. Isso é mais visível no centro da cidade, onde um emaranhado de pessoas transita diariamente. E tem suas peculiaridades no que se refere ao altíssimo contingente de pessoas, principalmente nas épocas em que há peregrinação de romeiros.

UM OLHAR RADICAL

Mas para o skatista esse desenvolvimento urbano, mesmo desordenado, tem lá seu lado bom, pois é com esse alargamento da cidade que o skate encon-

Foto: Damiano Teles



A cidade é reinventada a todo instante pelo skatista

tra seus variados locais de diversão e prática esportiva.

A cidade quanto mais urbanizada mais apresenta variações e espaços para a apropriação, locais esses reinventados e transformados em points dos skatistas. Muitas vezes o deslocamento desse grupo depende muito das construções que vão se estabelecendo na cidade. De diferentes modos, eles vão se agrupando em locais urbanizados e fazendo deles pontos de encontros.

Praças, bancos, calçadas, rampas e corrimões são vistos como obstáculo a transpor de forma arriscada, o que causa prazer e emoção. É neste sentido que os skatistas usufruí da cidade utilizando os espaços públicos, para reinventar e criar novas possibilidade de circulação.

DESAFIOS E SUPERAÇÃO DE MEDOS

O skatista Paulo Alves afirma que os praticantes do esporte têm uma visão diferenciada da arquitetura da cidade. Ele explica: "aonde outras pessoas vêm uma escadaria com piso liso, eu vejo um local muito apropriado para tentar transpor através de um salto com o skate. Busco superar meus medos, testar minhas capacidades físicas como a força das pernas, coordenação motora e equilíbrio dinâmico para poder me estabilizar antes, durante e depois de executar uma manobra, seja numa escada ou num corrimão".

Neste sentido a cidade é reinventada a todo instante pelo skatista que a ver com outro olhar, não com o olhar do pedestre, do motorista e dos comerciantes, que a observam como circulação mecânica rotineira. Eles, os skatistas, têm um olhar mais radical, que contempla os diversos espaços que se modificam todos os dias, e possibilitam novas formas de transpor cada lugar que possam ter acesso. O estilo street para o skate é a rua, o

espaço pode não ser apropriado, mas pode tornar-se.

O skate, aos poucos, vai se mesclando aos espaços urbanos de Juazeiro e ganhando mais adeptos. Surfar entre praças, ban-

cos, calçados, corrimões é tão ou mais emocionante que surfar no mar - como imaginaram os surfistas da Califórnia em época de maré baixa.】



Campeonato de Street skate no shopping

MOBILIDADE URBANA

AOS TRANCOS E BARRANCOS

Pedestres sofrem ao transitarem pelas ruas de Juazeiro do Norte

Foto: Claudemberg Neves



Pneus, árvores, sacos de lixo e obstáculos impedem a passagem e colocam os pedestres em risco



CLAUDEMBERG NEVES

Rua São Pedro, Padre Cícero, José Marrocos, Clóvis Beviláqua. Independente da via, a pessoa que se lança a caminhar pela cidade de Juazeiro se depara com os mais variados obstáculos presentes exatamente no que deveria ser seu salvo-conduto: as calçadas.

Rampas, portões, pneus, mesas, cadeiras, placas, lixeiras, veículos, postes, e orelhões são empecilhos para os pedestres. Uma simples caminhada se torna um desafio de destreza e agilidade para os moradores da Rua José Marrocos, nas proximidades do centro de Juazeiro do Norte. Borracharias, oficinas, bares, lanchonetes, residências e lojas usam a calçada como a extensão de seus territórios, obrigando os transeuntes a utilizarem as ruas para o deslocamento, correndo risco de tro-

peções, quedas e atropelamentos.

Wagner Medeiros, aluno da Universidade Federal do Cariri e morador de um apartamento na Rua José Marrocos, acha as calçadas estreitas, com espaço mínimo para transitar. Ele se incomoda com a cultura local de apropriação indevida das calçadas para fins comerciais. No trecho existem oficinas que usam as calçadas como estacionamento de veículos, dificultando a passagem. Segundo ele, falta conscientização sobre a função da calçada. Além da conscientização e da modificação física do espaço, é necessária averiguação do seu uso indevido com a aplicação de penas previstas em lei.

Raciocínio semelhante tem a produtora cultural e lojista, Claudinalia Almeida, atualmente proprietária do Brechó Santo Desapego, localizado na Rua Clóvis Beviláqua,

no centro da cidade, afirma que se criou um hábito das pessoas acharem que as calçadas são uma extensão de suas propriedades e que podem usufruir delas como bem entenderem.

- Não há uma preocupação por parte dos cidadãos, nem com a estética da cidade, nem com a mobilidade da população. Como consequência, as ruas estão sendo utilizadas para circulação de pedestres, quando as calçadas é que deveriam servir para este fim. Ser pedestre em Juazeiro, a cada dia, torna-se uma difícil tarefa. Tem-se a impressão de que esse comportamento já reflete um padrão cultural da cidade, onde as pessoas se acostumaram com essa realidade e acabam por reproduzir esse hábito, ora por egoísmo ou por comodismo, afirma.]

PERFIL

VAQUEIRO, AGRICULTOR E VIOLEIRO: AS HISTÓRIAS DE JOSÉ OLÍMPIO

Do abrigo de idosos onde considera seu lar, José Olímpio de Sousa, um homem de garra e simplicidade, que não se deixa vencer por deficiência visual, conta e canta em ritmo sertanejo sobre fé e tradição

REJANE LIMA

“Podem entrar, fiquem à vontade”. É com simpatia e bom humor que José Olímpio de Sousa recebe o “Entrelinhas” no abrigo Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte, onde reside. Deitado ele logo se levanta para nos receber, nos proporcionando uma agradável conversa ao som do seu inseparável violão, opa, violão não, viola como ele mesmo corrigiu, que guarda com carinho há mais de 30 anos, seu grande companheiro.

Seu Olímpio, como é chamado, é um dos muitos idosos que desperta curiosidade com sua história. Por isso, fomos conhecê-lo melhor. Homem simples que preza duas coisas na vida - o trabalho e a fé. Devoto do Padre Cícero e de Frei Damião, entre uma história e outra, declara: “Meu padim Damião disse que a dignidade do homem é trabalhar”. Foi com esse conselho que seu Olímpio direcionou a sua vida, sempre ultrapassando barreiras, como a deficiência visual que o impede de ver, mas nunca de sorrir.

Aos 82 anos, seu Olímpio já viveu muita coisa. Com sorriso de satisfação, ele conta que trabalhou na roça, foi vaqueiro, trabalhou no engenho, na estrada de ferro. Isso ainda moleque. Em meio a essas recordações seu Olímpio não esquece que quase realizou um sonho. Quando estava prestes a se tornar maquinista na estrada de ferro, ainda com 13 anos de idade, seus amigos o levaram para o Paraná. Foi uma decisão difícil, mas acabou indo

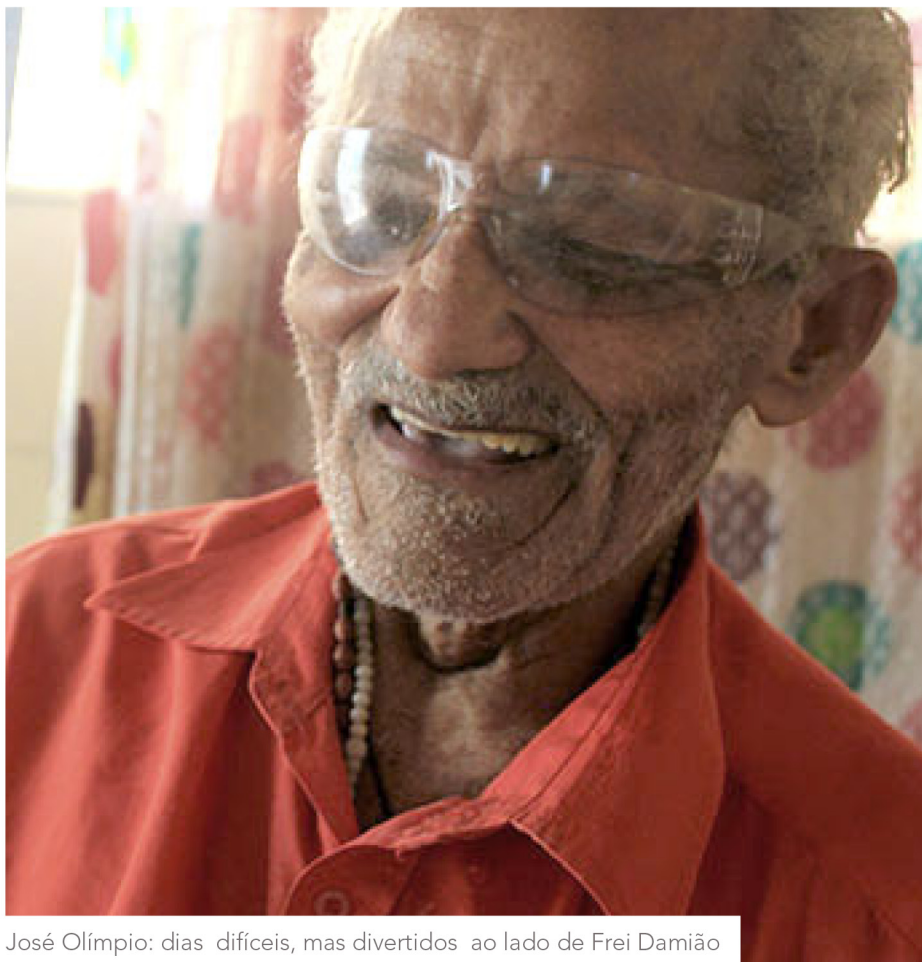


Foto: Rejane Lima

José Olímpio: dias difíceis, mas divertidos ao lado de Frei Damião

acreditando nas promessas dos colegas de uma vida melhor.

UM NOVO CAMINHO

No Paraná, seu Olímpio morou por 20 anos. Entre um emprego e outro, enfrentou dias difíceis, mas também divertidos. Entretanto, quando menos esperava, recebeu um convite especial de seu padim Damião e voltou para Juazeiro do Norte. Começa uma nova fase na vida de seu Olímpio.

O convite era singular: ele teria que se casar com a prima do Frei Damião, Creuza Maria de Lima, e ser seu parceiro nas mis-

sões cristãs. Aceitou sem pensar a proposta. E não se arrependeu. Lembra com carinho de Creuza Maria de Lima, o qual foi casado até a morte dela, há alguns anos. “Era uma mulher virtuosa, cheia de vida e princípio cristão, sem dúvida meu grande amor”.

Foi nesse período também que seu Olímpio começou a tocar viola, dando início a uma bonita trajetória, o de cantador de histórias de fé. Ele escrevia as histórias que Frei Damião vivia. “Eu escrevia as histórias e as transformava em música. Isso me levava a muitos lugares e ainda leva, mas hoje de um jeito diferente.”

Concentrado e sensível, ele acredita que, quando canta, viaja pelo mundo, visualiza sonhos realizados com a fé. Para ele, todo dia é um novo caminho e continua cantando como forma de celebrar a vida.

CASA DO PADRE CICERO

A deficiência visual veio com o tempo, quando trabalhava na estrada de ferro. Enquanto colocava os trilhos, uma densa poeira encobria os seus olhos. Segundo ele, foi a causa de sua quase cegueira e motivo de uma importante decisão. "Eu vivia sozinho, estava com dificuldade pra tomar os remédios, aí resolvi procurar um abrigo".

A deficiência visual de seu Olímpio evoluiu, entretanto, de acordo com os médicos, não é possível mais realizar cirurgia para reverter o quadro, apenas amenizá-lo com remédios e o uso de óculos. E ele não esconde o desejo de ter, breve, esses óculos novos.

Ele não reclama da quase cegueira, mas confessa que teria se cuidado se soubesse do perigo. "Hoje vejo vultos e, por isso, gosto de ficar em lugares claros". Janelas abertas, sol forte invadindo o ambiente, como estavam no momento da entrevista, é como o seu Olímpio se sente bem.

A escolha do lugar para morar também não podia ser outro. O asilo é conhecido como a Casa do Padre Cicero por se localizar como uma extensão do museu

Padre Cícero. Olímpio seguiu orientações de Frei Damião que dizia que, se ele não tivesse para onde ir, nunca fosse para casa de ninguém, nem ser empregado de ninguém. Mas sim viver na sua própria casa e comer do seu suor. Caso estivesse desabrigado, procurasse a Casa do Padre Cicero e vivesse lá.

E assim ele seguiu o conselho de Frei Damião. Lá vive há mais de 14 anos, onde recebe todos os cuidados necessários. Ele diz que o abrigo é seu lar. Reconhece que é bem cuidado e que dão o remédio na hora certa, sua maior preocupação.

UM OLHAR NO HORIZONTE

Olímpio se diz um homem que, embora cheio de tradição, não desiste de olhar para o futuro. Cheio de vontade de viver, ele não tem muito do que reclamar. Superação é a palavra que o define. Mesmo tendo perdido seu único filho, que faleceu pré-maturo e, anos depois, sua esposa, diz ter motivos de sobra para cantar e sorrir e se considera feliz.

A fé torna seu Olímpio uma espécie de homem blindado. Ele não se abala facilmente e grande parte da motivação de viver encontra-se nas palavras do Padre Cicero e Frei Damião. Para seu ele, esses homens sempre foram grandes defensores do povo e das causas de Juazeiro do Norte. Falavam de progresso, procuravam fazer sem-

pre o bem e, por isso, seu respeito por suas palavras.

Entretanto, quando falamos sobre saudade, pensativo, ele diz que certas coisas não se podem evitar. Declara sentir muitas saudades por alguém especial. "O que eu sempre lembro é da minha mulher, aí eu sinto muita falta, a gente sente aquela saudade, né? Ela era muito religiosa, cantava e me ensinava sobre a história do meu Padim Cicero". Mas quem disse que ele fica triste com essa recordação? Para ele, mais um ingrediente que alimenta sua força e esperança.

Como sentir algum sentimento negativo ao lado de um homem desses? Seu Olímpio só tem um desgosto - saber que tem dois sítios grandes em posse de sua cunhada, que nunca o procurou para nada. Sem grandes ambições, ele fala que quer apenas seus terrenos de volta para plantar, voltar a ser agricultor. Enquanto isso, ele vive da aposentadoria que está sob a responsabilidade da direção do abrigo.

Homem vivo, cheio de fé, sempre sorridente, que não se deixa abater. Seu Olímpio considera a vida uma dádiva. Sobre o passado, afirma que não voltaria por nada. Ele acredita que tudo que aconteceu na sua vida tinha que acontecer e não me lamenta. "O tempo, é o que o meu padim dizia, ele é o que é, o que temos é o que o tempo entregou, e o que tá entregue é pra seguir e não pra voltar."]



FEMINISMO

LITERATURA DE CORDEL DEFENDE A MULHER E CONDENA O MACHISMO

A literatura de cordel vem se adaptando aos novos meios e temáticas. O feminismo já se insere nos folhetos como grito de emancipação e combate ao patriarcado e misoginia que ainda é reproduzido nas relações sociais.

PABLO COSTA

Nos últimos meses a produção de cordéis com caráter feminista tem sido intensa. “Não tem maior fuleragem que mané conservador”, “Travesti não é bagunça”, “Nêga Braba”, “Chica gosta é de mulher”, estas foram só algumas das obras lançadas na região do Cariri, em um curto período de tempo, pela poetisa e ativista Jarid Arraes, filha do poeta e xilógrafo Hamurabi Batista, presidente da Associação dos artesãos de Juazeiro do Norte. Os cordéis, livros de cordão, folhetos e as mais diversas variações denominativas que o cordel ganhou, ao decorrer dos anos, agora são um modo de protagonização das mulheres que, por meio dos versos, reivindicam seus direitos e dão visibilidade na sociedade aos diversos modos de ser mulher.

O cordel “O que é ser mulher?”, da poetisa Salete Maria da Silva, lançado em março de 2001, vem exatamente mostrar os mais variados contextos em que a mulher está presente, focando que ela não se sente representada pelos diversos meios que insistem em reproduzir um padrão eurocêntrico do que deve ser a mulher.

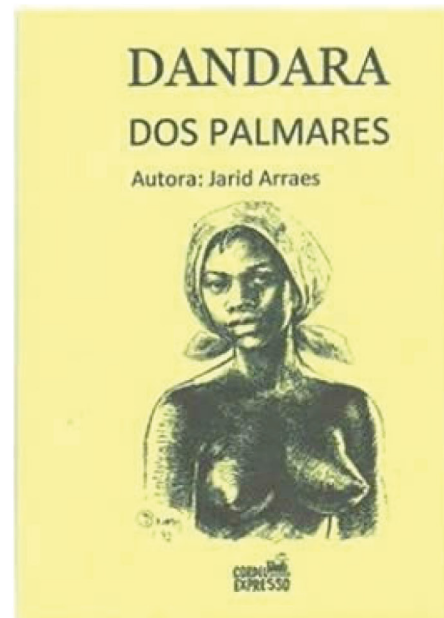
Só no período de transição do século XX para o XXI, tivemos contato com estudos sobre a produção de autoria feminina na lite-

ratura de cordel brasileira do século XIX. Até então, essas produções foram esquecidas, partindo do pressuposto de que mulheres não deveriam ocupar os locais públicos da sociedade.

Foi um longo período em que as mulheres repentistas e cordelistas foram invisibilizadas, muitas vezes tendo até que criar pseudônimos masculinos para conseguir publicar seus cordéis. Foi o caso de Maria das Neves Batista Pimentel, paraibana e autora de folhetos como: “As mocinhas de hoje” (1947), “O violino do diabo ou o valor da honestidade” (1938), assinado com o pseudônimo de Altino Alagoano.

Hoje a literatura cordelista é palco de luta, informação e formação das mulheres. Traz em si uma série de fatos e acontecimentos reais, estabelecendo em sua narrativa elementos pedagógicos que mostram a necessidade de construirmos indivíduos livres de todo tipo de opressão, como podemos observar no cordel “A menina que não queria ser princesa”, da cordelista Jarid Arraes.

Jarid mostra que as memórias guardadas de sua infância afetam profundamente sua escrita, pois se considerava uma garota que não se enquadrava dentro dos padrões que se espera de uma menina. “Com isso e com





Lançamento do cordel "Basta de feminicídio" de Salete Maria

"O Brasil é campeão
Em matança de mulher
Tá na sétima posição
E você tem que dar fé
Que isto não pode ser:
Quantas mais tem morrer
Pra tu meter a colher?"

...

"Chama-se feminicídio
A morte de uma mulher
- a exemplo do genocídio -
Cujo algoz faz o que quer
Baseado no poder
Que ele julga deter
Para usar como quiser"

Cordel "Basta de Feminicídio"

o conhecimento que fui tendo, ouvindo relatos e vivências de outras mulheres, percebi que as meninas ainda são criadas para serem princesas e impedidas de desenvolverem outros papéis, brincadeiras, talentos, etc. Criei esse cordel para que crianças e pais pudessem ler e refletir", diz a cordelista.

A atuação da ativista já ganha

"Pois ao papai e à mamãe
Eu peço muita atenção
Que criem meninas livres
De todo tipo de opressão
Que sejam o que quiserem
Cheias de amor no coração"

A menina que não queria ser princesa/ Jarid Arraes

"Quem dera ser como essas
Mulheres do Cariri
Cuja mais nobre promessa
É lutar pelo porvir
No Crato e no Juazeiro
Em Barbalha e em Granjeiro
Brejo, Aurora e Mauriti"

Guerreiras do Cariri/ Salete Maria

espaço até no ambiente virtual, onde escreve textos feministas e divulga seus cordéis. Esta inserção do cordel no ciberespaço pode ser um dos fatores que venham a contribuir para a perpetuação dessa cultura e produção dessas poéticas, dando assim maior visibilidade para essa literatura e para os assuntos nelas abordados.

Foram muitas as apresen-

tações de poetisas no Cariri. Numa delas no teatro do Centro Cultural Banco do Nordeste (CCBNB), a poetisa Salete Maria juntamente com as outras mulheres, recitaram o cordel que soava como forma de denúncia aos diversos casos de agressão à mulher.

O cordel "Basta de feminicídio" vem denunciar a violência sofrida por diversas mulheres no nosso cotidiano. Somente nos seis primeiros meses de 2014 foram registrados 10 homicídios de mulheres na região. Em dez anos o registro é de 220 mulheres assassinadas, na maioria das vezes pelos próprios parceiros.

A escritora Salete Maria já possui até um blog, onde diversos dos seus poemas são disponibilizados virtualmente como forma de alcançar mais pessoas e divulgar o trabalho da professora e militante.]

Serviço

Para adquirir cordéis de autores caririense sobre humor, amor, política e cultura popular:

<http://cordelexpresso.blogspot.com.br>

CRÔNICA

NUVENS BRANCAS, ASFALTO NEGRO

ADELINA LIMA

Lembro-me da primeira vez que estive ali, em busca de um imóvel para alugar, a família repetia a cansada malícia: “Esse lugar é perigoso!”

Durante uma semana analisei o conselho e a cidade, simultaneamente. Assistia ao noticiário para ajudar na decisão, mas talvez existisse também uma conspiração da mídia:

-Assaltante invade residência e mata idosa. [Senti um alívio por lembrar que não passei dos vinte anos ainda]

- Jovem é morta em tentativa de assalto em apartamento [Senti medo por ser jovem e alívio por não ter pretensão de alugar apartamento]

- Mulher é assaltada depois de sacar dinheiro em banco [Nem alívio, nem medo, apenas raiva do noticiário repetitivo].

Mas no embalo da necessidade e independência, joguei fora qualquer hipótese de desistir da mudança e mantive o conselho em segundo plano. De repente escolhi um lugar, não do jeito que imaginava, mas uma casinha verde, de tamanho médio, na rua quieta da cidade grande. De longe parecia uma ruazinha estreita, quase imperceptível, que corta caminho para não seguir a linha do trem, e visto do muro baixo da minha casa, o paredão que sustenta os trilhos é ainda maior. A buzina carregada do metrozinho alcança quase todo o bairro, denunciando uma estação bem próxima.

Alguns sons desse bairro já estavam penetrados nas horas e também nas calçadas, teoria comprovada pelo vizinho da casa em frente, pois todo fim de tarde um rádio a pilha é colocado na jane-

la para abrandar (ou aumentar) a monotonia da rua. Seu Anastácio parece beirar os 70 anos, com um exótico gosto musical, ele escuta das marchinhas de carnaval ao improviso do repente; do forró pé-de-serra à música religiosa (aos domingos a transmissão da Missa Salesiana é garantida no aparelhinho sonoro de Seu Anastácio). Um tipo enigmático com um sorriso sincero dos senhores de calçada, e ainda é o campeão do bairro no jogo de dominó, prática comum nessa parte da cidade.

Quase na esquina, a construção mais antiga da rua (início do século XX), o Orfanato Jesus, Maria e José foi fundado pelo Padre Cícero. Hoje não há mais nenhuma criança no local, mas uma vez ou outra tenho a leve sensação de ver rostos infantis no alto das janelas. [Por não acreditar em fantasmas, desejo que seja apenas falhas de percepção].

Outro dia, estava distraída com as tarefas domésticas, quando bateram no portão de casa: um garotinho suado, magro e assustado procurava por uma pipa que, segundo ele, teria se enroscado na parte de trás da casa. prontamente fui verificar a história, o papagaio enfeitado estava com o fio preso nos canos da parede. O menino abriu um sorriso cordial quando lhe entreguei o brinquedo e com maneiras muito educadas, agradeceu e saiu correndo com a pipa esvoaçante. As pipas dos meninos da rua voam bem alto, fazendo com que se

percebam as nuvens brancas em contraste com o asfalto negro, num lugar quase impróprio para tal observação.

À noite as brincadeiras são outras como: peteca, futebol e pega-pega. Mesmo a rua sendo rodeada de bares, a diversão da criançada não é impedida.

O vendedor de frutas e verduras circula discretamente, com seu carrinho de madeira no sol quente e antipático da manhã. A dona do restaurante já me conhece pela preguiça de fazer comida e comprar quentinhas quase todos os dias, assim como a moça da padaria sabe da minha preferência de buscar os pães à tardinha por não gostar de levantar cedo. E essa serenidade das pessoas se estende até aos bichos, são incontáveis gatos e cachorros que vagam pela rua e quase não se ouvem miados e latidos.

Uma das primeiras atitudes foi trocar o canal de informações. Com o passar do tempo, as notícias que acompanho se referem aos buracos no asfalto, ao racionamento de água, ao acúmulo de lixo em algum terreno baldio e etc. Pelo visto funcionou, pois desde então vivo numa tranquilidade régia no meu bairro.]

